

19/7/1986

Mais seis testemunhas acusam PM por tiros em Leme

Leme (SP) — Seis testemunhas ouvidas ontem no inquérito sobre o conflito entre bóias-frias em greve e policiais militares ocorrido há uma semana e que causou duas mortes afirmaram ao delegado Adolpho Magalhães Lopes que viram soldados atirarem. O cortador de cana Valdemir Donizeti Rosa, que está internado na Santa Casa de Leme com duas balas no braço esquerdo, afirmou que não viu ninguém armado no piquete, exceto policiais, e Admir Lirio Generoso da Silva, também internado com um tiro na perna, afirmou que os tiros foram disparados por uma equipe que ocupava uma viatura Polo — unidade da Polícia Militar — e por PMs do Leme.

O advogado do PT, Luiz Eduardo Greenhalgh, que acompanha o inquérito, afirmou que "nestes sete dias, todas as teses oficiais que tentavam incriminar os deputados do PT envolvidos no episódio se esfacelaram". As seis testemunhas que depuseram ontem foram Valdemir Donizeti Rosa, Admir Lirio Generoso da Silva, Paulo Afonso Duarte, Creusa Aparecida Ambrósio, Jorge Aparecido Kilian e Antonio Joaquim Fernandes dos Santos.

PM acusada

O delegado Adolpho Magalhães Lopes — que tomou o último depoimento às 18 horas de ontem —, além de ouvir as seis testemunhas, foi ao local dos incidentes junto com a comissão de membros da Assembléia Legislativa, OAB, PT e promotoria pública, que acompanha o inquérito. O delegado explicou que, "quando falei em culpa do PT, não conclui que os deputados atiraram, mas sim que foram negligentes em não tentar aconselhar os piqueteiros a esfriar a situação antes do confronto". Na véspera, Magalhães fez declarações que levaram o PT a pedir ao governador Franco sua destituição.

Na Santa Casa, onde ainda estão internados dois cortadores de cana feridos a bala, a polícia ouviu o bóia-fria Valdemir Donizetti Rosa, ferido com dois tiros no braço esquerdo. Ele afirmou que não viu ninguém armado no piquete no dia do tumulto a não ser os policiais. Também não notou nenhum carro, além das viaturas da polícia. Mais exato, outro cortador de cana, Admir Lirio Generoso da Silva — alvejado na perna afirmou que os tiros foram disparados por uma equipe que ocupava uma viatura polo — uma unidade da Polícia Militar — e por PMs de Leme.

O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh acusou o presidente do Inquérito Policial Militar que está sendo feito paralelamente à investigação policial — coronel PM Francisco Santoro de não atuar com isenção. "O IPM está sendo realizado apenas para proteger os policiais militares", acusou o advogado do PT.

Greenhalgh revelou que ontem o coronel deixou de transcrever no inquérito parte do depoimento de Admir, que repetiu por três vezes a história de que os tiros partiram da polícia. "Vou requerer ao Tribunal de Justiça Militar do Estado a substituição do encarregado desse IPM por outro oficial mais isento", disse.

OAB acompanha

O presidente da OAB de São Paulo, Luiz Eduardo Loureiro, garantiu que o inquérito está sendo conduzido "com lisura e com abertura, não importando as opiniões próprias dos delegados que o presidem". Para ele, ao é possível que ninguém anuncie qualquer conclusão até agora porque faltam provas periciais e ouvir muitas testemunhas.

Na próxima quarta-feira, serão ouvidos os deputados federais Djalma Bom, Anísio Batista, José Genoíno (do PT) e o candidato a vice-governador pelo partido, Paulo Azevedo, todos

envolvidos no episódio. Depois, prestarão depoimentos 32 trabalhadores que estavam no ônibus alvejado a pedradas na madrugada do dia do confronto. Será feita ainda, segundo o delegado Magalhães, a reconstituição do episódio. A cidade de Leme está em completa calma. Segundo o sindicato dos Trabalhadores Rurais, 50% dos 4 mil bóias-frias já voltaram ao trabalho e, com a promessa das usinas de pagarem os dias parados, o movimento deve-se esvaziar de vez.

(Página 13)